

643. Carnaval é a vida inteira para alguns, 15 fev.º 2026

Uma observação muito empírica: este ano, e pela primeira vez desde que cheguei a estas ilhas, não se ouviu barulho carnavalesco. Noutros anos havia sempre uns adolescentes (poucos, entre 3 e 6) a apitar a gaita e a tocar tambor, a andar para cima e para baixo na aldeia (chame-lhe freguesia, senhor), mas este ano nada. Silêncio total: a festa está quase toda na Terceira (e alguma na Graciosa), que são as mais festeiras de todas. Dizem-me que na Terceira é carnaval todo o ano.

Os que vivem nos Açores há vinte anos, como eu, sabem que os governos regionais se dão mal com Termas, sejam aqui ou ali. Nesta data, apenas funcionam as das Caldeiras da Ribeira Grande, em São Miguel, e as do Carapacho, na Graciosa. As da ferraria, em São Miguel, estão sem estrada há vários meses. O encerramento das Termas da Ferraria pode passar de temporário a definitivo. O concessionário das instalações na ilha de São Miguel queixa-se da falta de respostas do Governo Regional quanto à reabertura da única estrada de acesso ao local, encerrada em setembro de 2025! Como é possível, numa terra em que se pretende viver do turismo, que esta atração, bem como os banhos de água quente no mar, estejam sem acesso automóvel?

Há um ano foi entregue uma petição popular a pedir a reabertura das Termas do Varadouro, abandonadas há décadas (foram inauguradas em 1954) e a secretária regional do turismo disse na altura *“Devemos juntar aquilo que é regional e aquilo que é municipal e fazer uma concessão conjunta com, obviamente, possibilidade de fazer um empreendimento com outro folgo, outra robustez e outra possibilidade de oferecer serviços diferenciados...o investimento deve ser feito por privados e não pela região.”*

Assim sendo, passado um ano, nem privados nem governo. Mais um ano de abandono. Os peticionários lembram que o Governo Regional recuperou as Termas da Ferraria, em São Miguel, e as Termas do Carapacho, na ilha Graciosa, mas deixou as Termas do Varadouro “ao abandono”, remetendo a privados a eventual recuperação do edifício.

Na Terceira, a estrada fundamental entre Serreta e Raminho foi temporariamente reaberta para o Carnaval, depois de ter sido encerrada há dois anos na sequência de um sismo de 4,5 Richter. Há exatamente um ano, foi adjudicada a obra de sua reparação e, em breve, pode ser reaberta a título definitivo. A velocidade nos Açores é lenta, muito lenta.

O Porto das Lajes, nas Flores, danificado em 2019 pelo furacão Lorenzo, deve estar concluído até 2030, caso não haja mais percalços nem furacões.

Em São Jorge, o Centro de Processamento de Resíduos ardeu há um ano e meio e ainda não foi totalmente recuperado...

Aqui ao pé de casa, a estrada entre a Lombinha da Maia e a Maia demorou uns cinco anos a reabrir.

A estrada Povoação Furnas (em São Miguel), anunciada há anos, com muita pompa e circunstância, tarda em começar a ser construída, apesar do péssimo estado da estrada existente e de vários acidentes, derrocadas e demais problemas naquela via.

Nos Açores, muitas obras estão em risco de não serem realizadas devido a fatores como a escassez de mão de obra e a falta de recursos financeiros.

A Secretaria do Turismo e das Obras Públicas tem enfrentado desafios significativos, como a execução do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), que inclui um investimento de 63 milhões de euros, mas muitas obras ainda não estão em andamento.

Além disso, a taxa de execução do PRR nos Açores é inferior à do país, 36% em 2024, o que indica que algumas obras podem ser postergadas. A falta de investimentos e a necessidade de novas soluções construtivas são preocupações crescentes na região.

Mas pode ser que, no futuro, a IA venha dar uma mãozinha...

Quatro setores ficarão irreconhecíveis em cinco anos.

Primeiro: atendimento ao cliente: a IA já está a lidar com 80% das interações, automatizando centros de atendimento e tickets de suporte.

Segundo: media e criação de conteúdo, a IA escreve artigos, gera vídeos e cria gráficos mais rapidamente do que qualquer ser humano.

Terceiro: finanças, consultores robóticos e IA estão a automatizar análises, negociações e contabilidade.

Quarto: administração de saúde, faturação médica, pedidos de reembolso de seguros e agendamento estão a ser integrados em software, reduzindo o pessoal administrativo.

Quinto: a educação, os tutores de IA e a aprendizagem personalizada estão a tornar as salas de aula tradicionais obsoletas; os professores devem adaptar-se para sobreviverem. Isto não é uma previsão, já está a acontecer. A questão não é se estas indústrias vão mudar, e sim: se estará pronto quando isso acontecer.

Mas enquanto isso não acontece e o país se afoga depois de nove tempestades, o primeiro-ministro vai ver a Sport TV ao custo de 20 mil euros ao longo de três anos. Por ajuste direto para não ter problemas. Deve ter box até no WC... Eu pago bem menos para ver a primeira liga de futebol lusitano.

Mas há outros e outras que têm sempre “tachos” garantidos, qualquer que seja a cor partidária: Mariana Mortágua saiu do parlamento, mas já tem novo emprego: Professora Auxiliar de Economia e, diretora do programa de Doutoramento em Economia no ISCTE com 3 publicações apenas no Scopus, 16 citações no total, carreira académica de topo

O ISCTE é o albergue do PS (reitora ex-ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, do governo Sócrates; João Leão, ex-ministro das Finanças do PS; vice-reitor para Desenvolvimento Estratégico; vários ex-ministros do PS (Vieira da Silva, Adão e Silva, Carreiras, etc.) são ex-alunos, professores ou ligados ao Conselho de Curadores). O ISCTE já se gabou no seu site de ter três ministros no governo! As universidades deviam ser independentes, focadas no mérito e na excelência ... Isto das portas giratórias nunca cessou; ainda hoje ouvi o Pires de Lima dizer que, para já, era importante reparar a A1 e que os custos seriam discutidos depois. Nem consigo imaginar quem receberá a fatura...mas ele é o presidente da Brisa.

Faz lembrar a Lusoponte da Mota-Engil, presidida pelo Eng.º António Ramalho, que sucedeu a Joaquim Ferreira do Amaral. Lá trabalhou também Jorge Coelho, chefe de gabinete do secretário de Estado dos Transportes do IX Governo Constitucional, Francisco Murteira Nabo (1983-85). Em Macau, foi chefe do gabinete do secretário de Estado Adjunto dos Assuntos Sociais, Educação e Juventude de Macau (1988-89) e secretário Adjunto para a Educação e Administração Pública (1989-91). Foi ministro-adjunto no primeiro governo liderado por António Guterres, o XII Governo, em 1995.

Em 1997, assumiu o cargo de Ministro da Administração Interna. No XIV Governo, após as eleições legislativas de 1999, tomou posse dos cargos de ministro da Presidência e ministro do Equipamento Social (Obras Públicas) e em 2000, manteve o cargo de ministro do Equipamento Social e deixou o de ministro da Presidência para passar a ministro de Estado demitindo-se na sequência da queda da Ponte Hintze Ribeiro de Entre-os-Rios, em Castelo de Paiva, a 4 de março de 2001, onde morreram 59 pessoas.

Negociou uma parceria PPP com a Lusoponte antes de ser nomeado CEO da própria... Foi administrador da CONGETMARK, professor convidado da cadeira de Comunicação Pública e Política no Instituto Superior de Comunicação Empresarial (ISCEM) e consultor. A renúncia ao cargo

de membro do Conselho de Estado, em 2008, teve lugar aquando do convite para o cargo de CEO do Grupo Mota-Engil. 3 anos após ter renunciado a todos os cargos políticos e partidários, apresentou rendimento anual de 702 758,00 €. Membro da Maçonaria, nomeadamente do Grande Oriente Lusitano. Morreu em 7 de abril de 2021.

Tudo bem, é tudo boa gente.

